

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE SETEMBRO DE 1909

N.º 256

## Funeral da Senhora Duqueza de Palmella



Junto á capella dos srs. Marquezes do Fayal. — *A collocação da urna no coche funerario*

(Cliché de A. C. Lima).



DUQUEZA DE PALMELLA

† em Cintra, a 2 de setembro de 1909

O falecimento da Senhora Duqueza de Palmella constituiu uma verdadeira perda para o paiz.

Ficou a Familia Real sem uma amiga dedicadissima como bem se evidenciou ainda na tarde tragica do regicidio, a arte sem uma das suas discipulas mais laureadas, e o povo perdeu uma protectora de todos os que soffriam, de todos os que não tinham pão.

Encarada debaixo d'estes tres aspectos ninguem ainda excedeu e poucos conseguirão imitar a illustre senhora.

O seu enterro, a que concorreu todo o elemento official e as mais altas personagens da côrte, como não poderia deixar de ser tratando-se de pessoa de tão elevado nascimento e tão altamente collocada, foi ao mesmo tempo uma manifestação popular, cheia de dôr e de piedade pela bondosa senhora, figura inconfundivel no nosso meio, que tão bem soube repartir, pelos pobres e pelos famintos, os thesouros do seu coração e os recursos da sua fortuna.

A Senhora Duqueza de Palmella realisou sempre um ideal difficil de alcançar — ser querida no Paço e estimada pelo povo. Todos a conheciam e respeitavam, todos admiravam o seu talento e prestavam homenagem á sua caridade, ás suas virtudes, sempre tão nobremente affirmadas.

Não faremos a sua biographia que de resto todos n'este paiz conhecem.

Como dama da côrte, o alto conceito em que era tida pôde medir-se pelos cuidados e deferencias que para com ella tiveram, durante a sua doença, Suas Magestades El-Rei e a Rainha a Senhora D. Amelia.

Como artista fallam bem alto os seus trabalhos de esculptura que tantas ve-

zes obtiveram menções honrosas em varias exposições.

Dos seus sentimentos religiosos e do seu amor pelos pobres são testemunhos eloquentes as Cosinhas Economicas e tantas outras instituições que a nobilissima senhora fundou ou protegeu carinhosamente, aliviando muitas magoas e levando o bem-estar a muitos lares.

As nossas palavras são pois uma derradeira homenagem á illustre extincta, homenagem bem modesta para tantos e tão grandes merecimentos, mas que tem a valorisa-la o ser bem sentida.

A' nobre familia da Senhora Duqueza de Palmella envia o *Brasil-Portugal* os seus mais sinceros pesames.

## A quinze dias de vista...

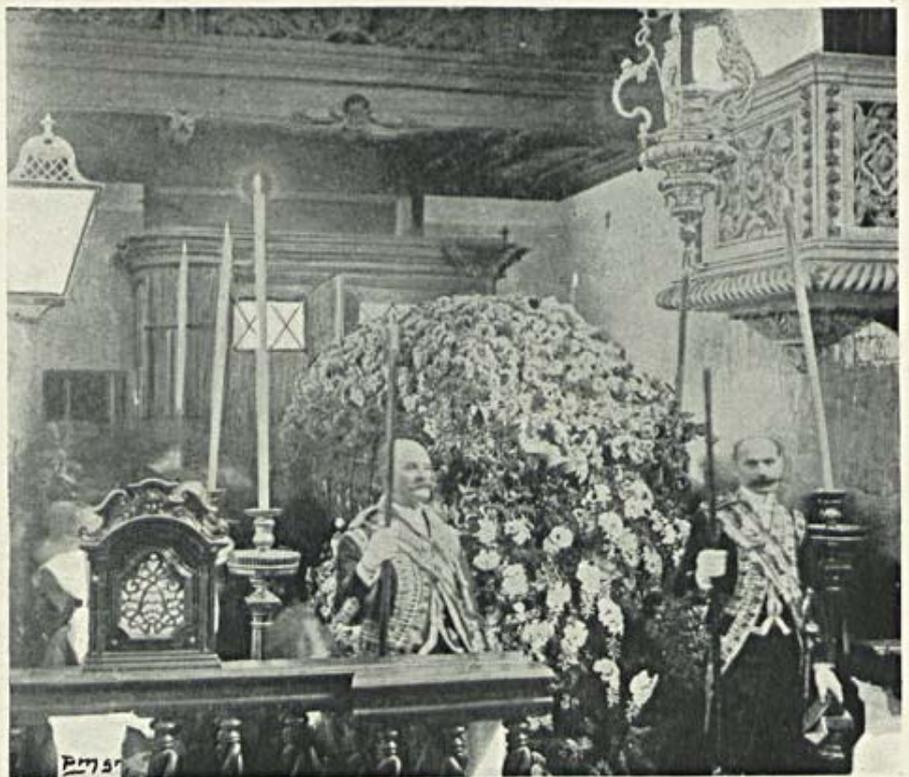
Letras que não obrigam a protesto

*A morte da senhora duqueza de Palmella. Uma alma commovida por todos os infortunios. A sua inexgotavel caridade. O programma da duqueza. Uma passagem de Bossuet. «Os ricos são os depositarios dos bens que pertencem aos desherdados.» A igualdade pregada por S. Paulo. Como a duqueza praticou na sua longa existencia a maxima christã. Na cosinha economica dos Anjos. Um singular caso de bondade e delicadeza.*

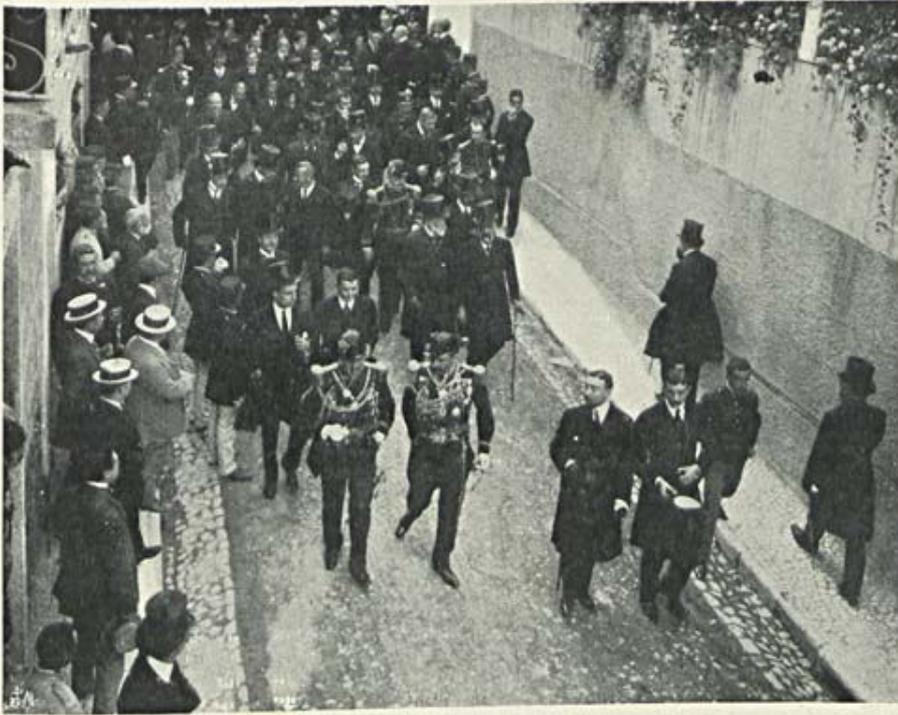
**A** caba de desaparecer do numero dos vivos uma das mais illustres e prestigiosas figuras da sociedade portugueza, tres vezes nobre, pelo nascimento, pelo talento, pelo coração, — a duqueza de Palmella.

Este singularissimo typo de mulher, que a despeito da sua vida de isolamento, que é, por assim dizer, protocolar para os aristocratas de verdade, se soube crear uma enormissima popularidade, mercê da generosidade da sua grande alma commovida por todos os infor-

## Funeral da Senhora Duqueza de Palmella



Na capella dos srs. Marquezes do Fayal. — A urna encerrando o cadáver da Senhora Duqueza de Palmella



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella. — NA RUA DO SOL AO RATO

(Cliché de J. Benoitel).

O cortejo pondo-se em marcha

tunios, faz uma enorme falta. Não a sentirão, decerto, aquelles a quem a vida corra prospera ou que pelo seu labor a tenham desafogada de vicissitudes: mas os humildes, aquelles a quem a desgraça persegue, inutilizando-os para o trabalho e muito principalmente os que d'elle não obteem o necessario a manutenção de uma familia, esses, oh esses, muito brevemente sentirão a falta da grande bemfeitora que tão prodigamente gastava os seus rendimentos na sustentação das cozinhas economicas, na sopa e medicação para creanças, nos subsidios para estudos, nas rendas de casa, nas pensões e mensalidades a invalidos e desprotegidos da sorte, que todos encontraram n'esse palacio da rua da Escola Polytechnica, cujos echos repetiam tantas benções quantas as supplicas que os acordavam!

Quantas lagrimas, quantas! derramariam na sua morte a saudade e a gratidão d'aquelles que o seu nobilissimo coração soccorreu! Tantas, pelo menos, quantas as que soube enxugar pela sua immensa piedade durante uma longa existencia que Deus fadara para espalhar o bem!

Foi christã, profunda e ardentemente christã, essa

alma de eleição; e pela sua immensa bondade exerceu a mais bella de todas as virtudes, a caridade, com o culto fervoroso de um santo sacerdocio que as suas crenças lhe impunham. Immensamente rica, ella nunca considerou seus os bens proprios: julgava-se, na posse d'elles, fiel depositaria do patrimonio dos infelizes.

Um dia, conta o conde de Sabugosa no seu livro *Embrachados*, a duqueza querendo dar-lhe a impressão exacta d'aquillo a que podemos chamar o programma da sua vida, tirou da bibliotheca um volume das obras de Bossuet e leu-lhe a seguinte passagem: — «Les murmures des pauvres sont justes. Pourquoi cette inégalité de condition? Tous formés d'une même boue, nul moyen de justifier ceci, sinon en disant que Dieu a recommandé les pauvres aux riches et leur a assigné leur vie sur leur superflu.» E concluiu: — «E' assim que eu comprehendendo a missão dos ricos. Elles são no mundo os depositarios dos bens que pertencem aos desherdados. Só a justa distribuição pode trazer a egualdade prégada por S. Paulo.

Essas palavras do eloquentissimo orador sagrado que foi o bispo de Meaux, tomou-as a duqueza para sua divisa. Por ellas pautou toda a sua santa vida bemfazeja, tão despida de ostentações e vaidades que eram quasi uma obrigação da sua eminente condição social, repartindo com os necessitados o superfluo dos seus haveres.

E como ella cumpriu a missão que se impoz na Terra, por entre a descrença de uns, o egoismo de outros e a maldade de muitos, alheia a tudo, sentindo a vida pe-



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella. — A caminho do cemiterio

(Cliché de A. C. Lima).



(Cliché de J. Benoitel). Funeral da Senhora Duqueza de Palmella. — O coche com o feretro passando no largo dos Prazeres



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella

*A grande multidão que acompanhava os restos mortaes da illustre senhora*

(Cliché de A. C. Lima).

las dôres dos infelizes e pela alegria de as minorar, abandonando o paço ducal, onde a sua immensa fortuna lhe permitiria gosar uma delectosa vida egoista, para se embrenhar por lobregas viellas, subindo a miseraveis mansardas ou descendo a sombrios subterraneos, partilhando as dôres dos desgraçados que lá ia encontrar e aliviando-os pela esmola da sua bolsa e as caridosas palavras da



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella

*A irmandade de S. Mamede*

sua immensa piedade — como ella se desempenhou de tão grata tarefa para a sua alma christianissima, não o posso eu dizer, não o poderá dizer ninguem. Deus o sabe e a recompensará.

Vi-a pela ultima vez ha dois annos. Foi n'uma manhã sombria, na Avenida D. Amelia. A carruagem da duqueza parara junto da co-



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella  
*O cortejo funebre entrando no cemiterio*

(Cliché de J. Benoitel).

sinha economica dos Anjos. Choviscava. Aberta a portinhola a duqueza hesitou em descer. Abri o meu guarda-chuva e parei junto do trem. A nobre senhora apeou-se, agradeceu-me e permitiu-me que a acompanhasse até à entrada da cosinha, onde gentilissimamente voltou a agradecer-me. Nunca a vira tão proximo. Que nobre e insinuante physionomia! Como se fundiam no seu olhar a altivez sem soberbia e suprema bondade. A despeito da simplicidade do seu trajar, o seu rosto de linhas nobilissimas e o seu porte denunciavam a grande dama. Era bem a legitima representante da velha e illustre aristocracia portugueza, essa aristocracia que não hostilisa a democracia pé fresco, antes n'ella encontra o maximo respeito e consideração. E d'isso tive logo, alli, a prova mais frisante. Quando a nobre senhora entrou no edificio da cosinha, quasi repletó de operarios, trabalhadores, mendigos, creanças andrajosas, como por encanto fez-se silencio e toda aquella gente, de pé, descoberta, saudava com devoção a grande dama que passava feliz por se encontrar entre aquelles... de cujos haveres era fiel depositaria!

Nos olhos d'essa gente em cujo coração a desgraça radica sentimentos ruins para com as classes privilegiadas, lia-se o enternecimento, a gratidão, a mais profunda sympathia. Era uma mãe commum que passava. Como tal foi respeitada, querida, muito amada. E ninguem como ella mereceu esse culto popular que foi a recompensa de toda a sua vida de christianissima bondade.

\*\*\*

Não teem conta os casos em que a benemerencia da duqueza de Palmella interveiu, já solicitada, já indo de motu proprio ao encontro do infortunio. Um ha, porém, que eu quero registar aqui para que dê uma idéa da generosidade d'essa alma de eleição e da delicadeza d'esse espirito superiorissimo.

Um pobre funcionario, tendo a esposa gravemente enferma, precisou absolutamente de sessenta mil réis para acudir a despezas inadiaveis. Implorou essa quantia a titulo de emprestimo, declarando na carta que n'esse sentido dirigiu á duqueza, desejar satisfazer tal somma em prestações mensaes de libra.

Informando-se sobre o caso e adquirindo a convicção da sinceridade da solicitação, a duqueza de Palmella mandou entregar os sessenta mil réis pedidos.

No principio dos mezes, o beneficiado ia entregar no palacio da rua da Escola Polytechnica a prestação combinada para amortisação da divida.

Chegou, enfim, o dia em que devia pagar a ultima libra. Chegou ao palacio e entregou a prestação, que foi recebida como de costume. Ia a retirar-se quando lhe disseram que a senhora duqueza desejava conhecê-lo.

Introduzido no andar nobre pouco esperou. A duqueza, sorrindo, dirigiu-se-lhe a perguntar-lhe com o maior interesse pela esposa, informando-se minuciosamente do seu estado. O pobre homem, commovidissimo, respondia atabalhoadamente ás delicadissimas perguntas da duqueza, sentindo que os olhos se lhe marejavam de lagrimas.

A nobre senhora entregou-lhe um cartuxo e despediu-o amabilissimamente.

Na rua, aquelle que a nobre senhora soccorrera com a sua bolsa e com o seu carinhoso e inexcedivel trato, quiz ver o que lhe entregava a duqueza. Desembrulhou o pequeno volume e verificou com pasmo que elle continha todas as prestações que entregara mensalmente envoltas nos mesmos papéis, intactas...

... Ella julgava-se depositaria dos bens que aos pobres pertenciam!

\*\*\*

Esta pagina, especialmente destinada ao commentario faceto dos assumptos da quinzena, é exclusivamente consagrada á memoria da duqueza de Palmella, como homenagem ás altissimas virtudes que nobilitaram a sua vida, que foi amparo para muitos e exemplo para todos...

Camara Lima.



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella

*O ultimo turno, vendo-se entre outras pessoas os srs. Marquez de Castello Melhor e condes de Figueiró e de Sabugosa*

(Cliché de A. C. Lima).

# O modelo



Gustavo de Mello, reclinado n'uma velha e comoda poltrona do seu pobre estudo de pensionista do Estado em terra estranha, fumava de olhos semi-cerrados, seguindo distrahadamente no espaço as espiraes azues do fumo do seu cigarro. O calor enervava-o. Não podia trabalhar. E o quadro que tinha entre mãos interessava-o além do que saberia dizer. Era a bella cabeça de Marion de Nice, a mais formosa rapariga do mundo galante, conhecida em todo o *Quartier-latin* pela graciosa harmonia dos seus traços e pela sua esbelta e inegalavel pureza de fórmãs. Que de loucuras fóra causa esta bella Marion! Quantos se haviam arruinado por ella! Quantas carreiras estragadas, perdidas! Dizia-se mesmo á bócca pequena que alguém tinha feito saltar os miolos por não conseguir prender os seus bellos olhos azues. E ella passava sorridente e insensível, saboreando os gozos que a vida lhe offerecia e ignorando que n'ella existem dôres e tristezas.

Marion viera offerecer-se a Gustavo como modelo para uma *Madonna* que elle desejava enviar ao *Salon*. Procurada como era, Gus-



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella

Os srs. conde de Sabugosa e José de Mello Sabugosa representantes de El-Rei e do Senhor D. Affonso

(Cliché de J. Benoit).

tavo estranhou o offerecimento, mas accitou-o. Depressa lhe conheceu a causa. Marion amava-o e elle, como bom portuguez, entendeu não poder negar-se a corresponder-lhe. Do lado d'ella havia o grande, o sincero amor; do lado d'elle condescendencia e admiração do artista pela mais bella obra da natureza que até então havia conhecido. Mas — pobre Marion! — admiração não é amor.

Da vasta janella do *atelier* pendia um largo panno escuro que o tempo, o sol e a chuva haviam tornado amarello. A luz, coada através d'essa cortina, tinha effeitos de uma belleza infinita e a cabeça de Marion, illuminada por ella, era deslumbradora.

— Sim, pensava Gustavo, revendo-a na imaginação, é um enlevo. Comprehando que haja quem se suicide por ella. Não posso amaldiçoar o coração, mas quero conservar o seu amor.

A vaidade espicaçava-o.

— E' preciso manter o fogo sagrado: saber se me ama realmente, ou não. Ponhamos a sua paixão em exercicio. E' tempo.

E, levantando-se, tomou papel e penna, decidido a escrever um bilhete a si proprio. Começou assim:

Querido

— Não, querido é pouco.

Riscou e escreveu em seu lugar:

Meu muito amado

Espero-te ás seis horas em minha casa. Não faltes.

Adora-te a tua

Irène.

Depois pegou na carta e collocou-a sob a pasta de modo a ser vista. Mal terminara a operação, sentiu na escada uns passos conhecidos e, a seguir, uma pancada na porta.

Gustavo, em vez de correr ao seu encontro, demorou-se.

Segunda pancada.

— Vou já.

A' terceira resolveu-se a abrir.

— Que estavas fazendo? perguntou Marion, admirada da pouca pressa do amante.

— Nada, respondeu elle fingindo-se embaraçado.



Funeral da Senhora Duqueza de Palmella

Uma parte do cortejo chegando ao jazigo

(Cliché de A. C. Lima).

— Tardei muito?

— Não.

Marion tirou o chapéo, desprendeu os cabellos e poz-se na pose, muito admirada de que o beijo costumado, e que desde a entrada esperava com anciedade, não viesse aos seus labios sem que o chamasse.

— Então? perguntou ella notando que Gustavo, em pé no meio do estudo, ficara indeciso entre pegar na paleta ou sahír momentaneamente da sala.



Entrada principal do palacio dos duques de Palmella em Lisboa

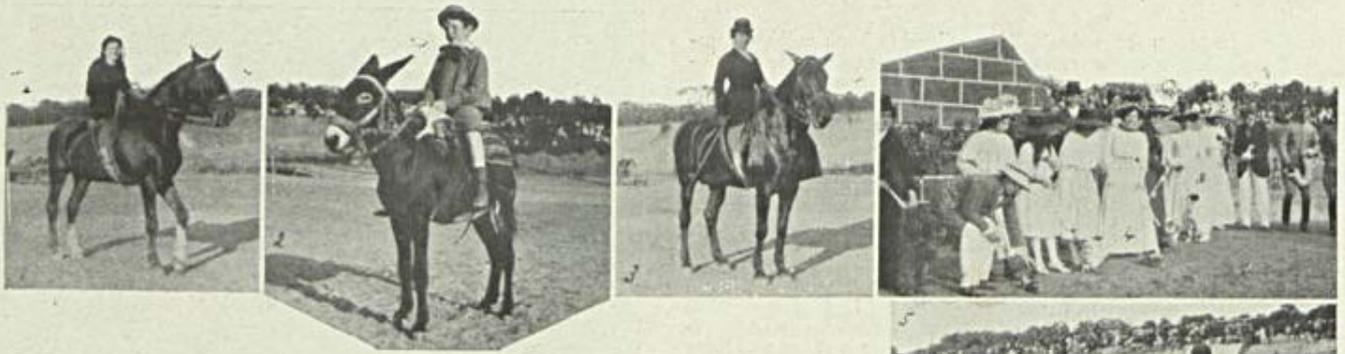
— Volto já, disse elle: é o tempo de ir buscar um lenço.

E, lançando insidiosamente um olhar inquieto sobre a carta, sahíu da sala, não sem hesitação.

Marion estranhava-o. Reflectiu um instante. Depois, como ferida

## Nas Caldas da Rainha

A festa em homenagem ao Conde de Fontalva



de subita suspeita, foi-se á secretaria, pegou na carta, passou-a rapidamente pelos olhos e sumiu-a no bolso.

Gustavo, entrando, olhou disfarçadamente para o sitio onde armara a ratoeira. A isca tinha desaparecido.

Approximou-se do cavalete e pegou na paleta como se fosse pintar.

Marion tinha a cabeça baixa. Olhou a rapariga e perguntou-lhe:

— Então que posição é essa? Levanta um pouco mais a cabeça.

Marion obedeceu.

— Que tens tu?

Duas grossas lagrimas desprendendo-se-lhe dos olhos, rolaram-lhe ao longo das faces.

Nada mais bello do que esse rosto angelico, visto assim, áquella luz tão suave e melancolica.

Era deslumbrante! Magnifico!

Poderia symbolisar a angustia.

Recobrando-se rapidamente do seu extase admirativo, Gustavo indagou sollicito:

— Que tens tu, meu amor?

A esta hypocrita phrase de affecto a indignação explodiu:

— Teu amor?! E' assim que chamas á outra?



Conde de Fontalva

*O distinctissimo sportmen e brilhante organisador do concurso hippico das Caldas da Rainha.*

O pintor recuou com espanto.]

— A outra? qual outra?

— Aquella que te convida para irs a sua casa hoje ás seis da tarde.

— Mas...

— Não mintas, é inutil. A carta está aqui.

E, tirando do bolso o papel accusador, estendia-o triumphante a Gustavo.

Deixando pender os braços ao longo do corpo n'um gesto inquivoco de desanimo, o artista exclamou, deixando-se cahir sobre uma cadeira proxima:

— Leste?

Foi tão cheio de verdade o tom de desolação com que Gustavo pronunciou esta simples palavra que elle proprio quasi se convenceu de que estava culpado.

Então Marion ante aquella tacita confissão, rompeu n'um choro impetuoso.

O artista admirava-a enlevado.

E, enquanto ella no auge do desespero lhe dirigia as mais fortes recriminações, torcendo as mãos na raiva da impotencia, elle reparava nos effeitos surprehendedentes d'aquella luz quasi sobrenatural banhando de reflexos suavissimos a cabeça loira da sua amante e que lhe dava uma apparencia divina. Desvanecido e enlevado, dizia-se com satisfação intima:

— Pelo menos no meu estudo ha tres cousas de valor: esta luz, ella e eu.

Aquella silencio, mais pezado do que chumbo, era insupportavel aos nervos exaltados de Marion.

Penteiou-se com movimentos febris e, tomando o chapeo de cima da cadeira em que o collocára, disse com uma voz hesitante em que se traduzia uma multidão de sentimentos contrarios.

— E' melhor guardar o trabalho para outro dia. Nem tu nem eu estamos em disposição de nos aturar.



Agronomo Eduardo Ferreira Maia

*Incansavel auxiliar do Conde de Fontalva na organisação do concurso hippico das Caldas da Rainha*



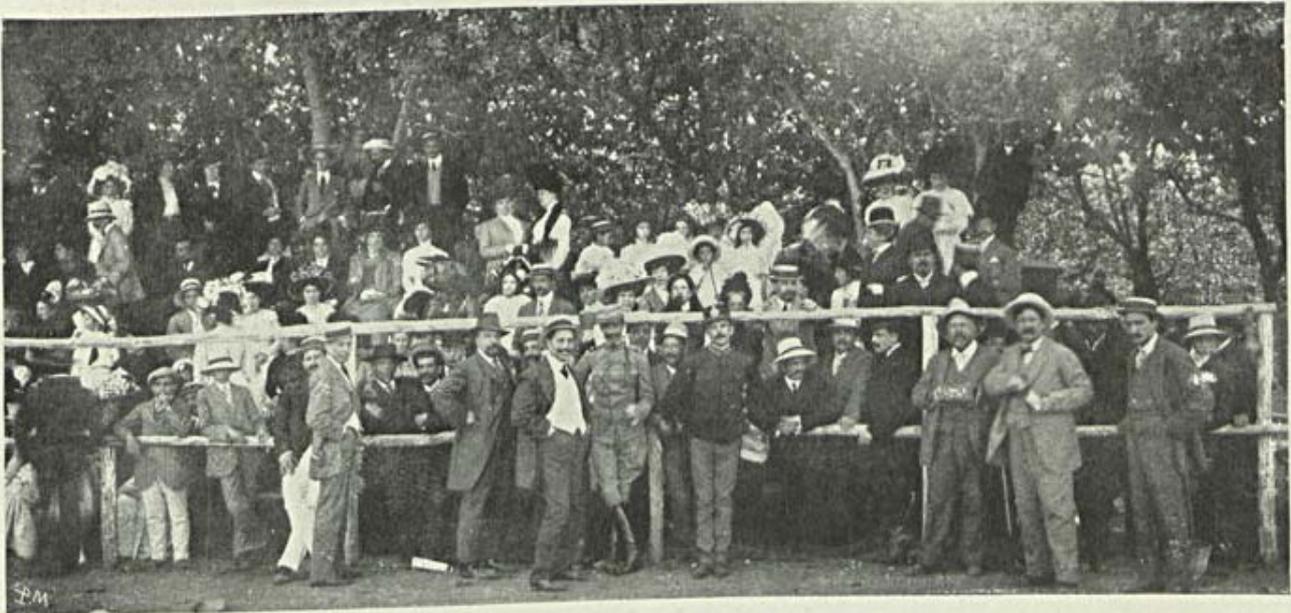
1. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza de Sousa e Vasconcellos Alves. — 2. O menino Pedro Cymbron, vencedor da corrida de burros. — 3. A sr.<sup>a</sup> D. Thereza Bello. — 4. A partida da corrida dos bichos. — 5. A corrida dos saccoes. — 6. Os garotos descendo uma das cunhas. — 7. Os garotos subindo a cunha mais ingreme. — 8. Um aspecto das tribunas.

(Clicks do commendador Jorge do Abreu Lima, amador).

## Concurso hippico nas Caldas da Rainha



*Um aspecto das tribunas*



*Outro aspecto das tribunas*



*Clichs da Phot. Parisiense — Caldas da Rainha.*

*O certamen dos trens de praça*

## Concurso hippico nas Caldas da Rainha



*Iara de Carvalho subindo a barreira*

— Mas porquê, Senhor Deus? Porquê? indagou com sentido agastamento o artista.

— Ainda ousas pergunta-lo? tornou ella ironica.

— Ah! duvidas de mim?

— Oh! não! Confio... A tua correspondencia inspira-me a maior, a mais absoluta confiança.

Gustavo, satisfeito consigo e com ella, sentiu-se piedoso. Deixou chover sobre elle as recriminações e os insultos: e, quando, exgotada, ella cahiu sobre uma cadeira n'uma convulsão de choro tão forte que parecia despedaça-la, elle maldisse a loucura das mulheres que o desinquietavam, a elle que não pensava senão n'ella. Jurou-lhe que não se importava com aquella creatura que o perseguia com afincio e acabou por lhe perguntar:

— Que culpa tenho eu que me escrevam e me convidem? Vamos, sé razoavel: limpa os olhos... dá-me um beijo...

Ella conservava-se amuada e suspeitosa.

— Gustavo disse então como se tivesse tido uma ideia subita:

— Queres tu que passemos a tarde juntos?

Ella fitou-o pela primeira vez sem resentimento. Depois com voz mal firme:

— E que respondes a essa carta?

— Isto, disse Gustavo arremessando-a pela janella.

Marion abriu-lhe os braços commovida.

Gustavo lançou-se n'elles murmurando com muita meiguice:

— Vêr-te chorar corta-me o coração.

Ella acreditou-o.

Na parede do fundo destacava-se, n'um grande quadro, uma physionomia de velho intelligente e expressiva, animada d'uns grandes olhos pensadores, para os quaes a vida parecia não poder encerrar mysterios. Os olhos do pintor encontraram as negras pupillas do



Concurso hippico nas Caldas da Rainha. — *Higino Barata*  
*(Cliché de J. Bonolle).* n'um salto de sebe

velho que, mais perspicazes do que as rutilas saphiras da sua amante pareciam dizer-lhe:

— Comediante!...

Gustavo sorriu com superioridade e concluiu para si:

— Mas excellente. Se quizesse, tinha carreira.

MARIA O'NEILL.

## Notas d'um provinciano

### As Flôres de Lisboa

**N**esta Lisboa galante que o sol tingi e vivifica, cingindo-lhe a fronte gaiata com um diadema fulgurantissimo de luz, as flôres não tem a graça e o donaire das flôres da provincia.

Nascendo a medo, sob os olhares inquisitoriaes do jardineiro amestrado e sabedor, ou no vaso humilde à beira duma janella na altura horrivel dum quarto andar, desabrocham languidamente, como se um riso forçado lhes entreabrisse a boca rosada, como se o seu seio, roído pelos vermes ou queimado pelo sol, mirrasse no desfalecimento duma saudade — essa melancolica tísica da alma — longe para sempre da luz clara das madrugadas, dos risos scintilantes das estrelas brancas e da meia sombra discreta dos valles, onde aves e fontes cantam de dia e de noite o eterno e sempre novo hymno triumphal do amor.

Adaptadas à força ao meio em que vivem, tornaram-se frias, gla-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha. — *Elias Garcia*  
*saltando a banquetta*

ciaes quasi, como as mulheres que as acariciam, não sabendo sorrir, como ellas não sabem amar, sem o desabotoamento virginal que espiritalisa as da minha terra, sem o enlevo embriagante que se evola dos seus cálices no perfume delicioso que as sanctifica — perfume que é mais do que um afago, porque é uma benção e mais do que uma benção — porque é um longo e harmonioso poema de amor, um soberbo e inequalavel rosario de canticos.

Há-as pallidas, com olheiras fundas e tranças de ébano, impregnadas dum misticismo amargo que nos fere, duma tristeza allicita e perturbante que fáz dó, morrendo à falta de caricias, á espera sempre duma aza macia que lhes roçe as fronteas calmas, e duma boca anciosa que lhes diga palavras quentes e lhes murmure ternissimos segredos.

Como creaturas anémicas, desfalecem ao mais pequeno sopro, morrem ao mais ligeiro embate, sem lograrem vêr realisado o seu sonho, sem que da alma lhes subisse aos labios, numa canção alegre, o agradecimento à Mãe Terra que as alimenta e ao Pae Sol que de longe as inunda com a luz infinita da sua misericordia.



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*José de Sá Paes do Amaral (Alverca) na descida d'uma banqueta*



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim) n'um dos saltos*



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim) descendo uma das cunhas*

As que do alto se debruçam, tratadas pelas mãos esguias e brancas de costureirinhas humildes, teem, como ellas, uma desventura enorme a pesar-lhes na alma, desbotando-lhes as côres vivas dos rostos virgens, e sufocando-lhes na garganta — que uma onda súbita de sangue avermelha mais — o chilreio duma cantiga às vezes prompta a desprender-se. Ouvem os murmurios das aguas limpidas do Tejo, sentem a seu lado o esvoaçar despreocupado e feliz da brisa que perpassa, descobrem no alto, no céu azul onde a Lua se ergue aureolada, as estrelas pequeninas scintillarem trêmulas, e ao vêrem-se tão sós (sobre o telhado musgoso ou no peitoril da janella que dá para a rua estreita e suja) estendem para a morte os braços magros, num soluçar convulso que é o seu ultimo e longo adeus à vida que sonharam e não tiveram.

A's vezes, quando Maio surge e a adoravel manhan clareia, ainda uma andorinha as visita, partindo em seguida para sempre. Então a saudade é maior, a vida mais negra, mais doloroso e, por conseguinte, mais pesado (ellas o sabem!...) o seu isolamento.

Nascem talhadas para a Desgraça, nella vivem e desgraçadas morrem, como as creaturas pobres que ao amanhecer as tratam. E' o mesmo fado, é o mesmo destino. Quando o luar é mais calmo, choram ambas a sua má-sorte — uma sem pão, sem sonhos e sem familia, a outra sem côr, sem graça e sem perfume.

Bem sei que ha nellas mais um não sei quê de mysterioso que as outras não teem, bem sei. Como essas mulheres que passam junto de nós, mal pisando o asfalto da Avenida e illuminando tudo com a doçura extraordinaria dos seus olhos negros, teem em si o quer que



(Clichés de J. Bencliel).

Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*Alfredo Anjos (Fontalva) n'um salto*



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*Julio de Vasconcellos Alves n'um salto*

seja que fascina e prende — quer seja o riso alegre e entusiasta da *cocotte* que passa, quer o gesto divino, a palavra aveludada ou a elegancia extrema da namorada gentil que nos fita.

Adornaram-se com prendas novas, vestiram-se á moda, aristo-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*Francisco Xavier de Almeida n'um dos seus trotadores*

cratisaram-se, vivem em estufas preciosas ou em jardins encantados, mudando até de nome como convinha á sua nova posição social, ou então, como as dessas rapariguinhas modestas, principiam a sonhar tambem um principe de lenda que as resgatasse e que, de espada nua e de sorriso amoroso nos labios, as levasse nos braços para os salões do seu castello maravilhoso, de cujas ogivas e setteiras se avista o Mar, através do qual partirão as Naus em que elle irá — por ordem do seu Rei e Senhor, conquistar novas almas para a fé e novas terras para a sua Patria muito amada.

Mas enquanto lá fóra, nos valles ensombrados, nas sebes onde cantam melros e nos quintaes onde gorgulham fontes, as suas irmans felizes riem ao sol claro e vibrante das madrugadas lindas, abrindo os labios rubros onde expludem gritos, rasgando os seios immaculados onde se agitam almas (labios onde as abelhas doiradas vão procurar o mel, e almas onde o luar piedoso vae segredar orações) n'esta Lisboa adoravel, as flôres morrem quebrantadas á luz do gaz ou á falta de ar puro no cubiculo estreito e velho d'umas aguas-furtadas que a costureirinha bonita e pobre escolheu para cemiterio triste dos seus sonhos de ouro.

Mario Salgueiro.

O bom senso é o guarda-portão do espirito; o seu officio consiste em não deixar entrar nem sahír as idéas suspeitas.

## O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

Os jesuitas, eternos inimigos, emergiam tambem, gasalhados e com a protecção do estado. Dos carcereiros, onde, no longo captivoiro, setenta e um d'elles haviam succumbido, surdiram cincoenta e cinco, a maior parte da torre de S. Julião. Logo, no padre Thimoteo de Oliveira, que fóra confessor da rainha, se arbitrou uma pensão de duzentos mil réis, e um subsidio inferior a outros menos graduados. O numero de padres portuguezes, no estado romano, orçava por mil, repartidos por varios alojamentos e districtos. Desde a morte do rei, o governo proveu á sua manutenção, com cem mil cruzados annual-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha  
*A sr.ª D. Maria Luiza de Vasconcellos Alves  
e os srs. condes de Fontalva  
e Eduardo Maia*



*A sr.ª D. Luiza Moreira de Almeida  
(1.ª premio na corrida de amazonas),  
esposa de Xavier de Almeida*

mente, e o ministro em Roma prestava-lhes protecção, como aos demais subditos. Na turba dos exilados, estes actos de benevolencia e as noticias, que de Lisboa chegavam, accendiam loucas esperanças de rehabilitação e desforra. Corria entre elles, e propagou-se na Europa que, a diligencias de Maria I, o breve da extincção seria revogado. Muitos pensaram em voltar á patria. Partiram seis por primeiro; e intimados, quando chegaram, a sahír do reino, ficaram, por tacito assentimento das auctoridades. Outros foram clandestinamente chegando, mas o maior numero, sem recursos para a viagem, nem meios de subsistencia em Portugal, terminaram a vida nos logares aonde a sãna do seu perseguidor os tinha arrojado.

Iniciada, a requerimento do marquez de Alorna, um dos resurgidos da Junqueira, a revista do processo dos Tavoras, entenderam os jesuitas que tambem para elles batera a hora da justificação. Em outubro de 1780, entregaram a Pedro III, constante patrono seu, para dar á rainha, um memorial em réplica ás accusações que, por mais de vinte annos, Pombal contra elles proferira. Dois volumes *in folio* occupa a extensa apologia, destinada a conseguir a annullação do



(Cliche de J. Benoitel). Concurso hippico nas Caldas da Rainha. — As sr.ªs D. Thereza e D. Emilia de Almeida Bello

decreto de exílio, que abrangia a todos, e a publicação da inocência dos tres socios; que a sentença de 1759 dera por cúmplices no attentado contra o rei. Simultaneamente o padre Thimoteo de Oliveira apresentava uma relação de treze artigos, sobre os quaes requeria se interrogasse o ministro no processo. Entre elles: por que motivo não foram os jesuitas, suppostos cúmplices na conjuração dos Tavoras. — Malagrida, João de Mattos e João Alexandre — interrogados e acareados com os outros réos? por que motivo, nove annos depois, na *Deducción chronologica*, são iucriminados mais tres — José Perdigão, Jacintho da Costa e Thimoteo de Oliveira — que a sentença não mencionou? por que motivo deixou de se tomar a retratação do duque de Aveiro, que renegou as declarações contra os parentes e contra os jesuitas?

Corria então como certissimo, todavia já-mais se provou, ter o duque affirmado ao defensor, e ao religioso que o confessou, serem-lhe as falsas denuncias extorquidas na agonia dos tratos. Isso mesmo tinha declarado aos juizes, que o não attenderam. <sup>1</sup> D'aqui tiravam os jesuitas a principal defesa, que a rainha de bom grado lhes admittiria. Mas havia a contrasta-las a geral animadversão que, por um passado de insolente predomínio, e tantos annos de insistentes accusações, para com elles existia, e com a qual o governo temia defrontar-se. Por outra parte, a côrte de Madrid decerto acharia dispendente qualquer demonstração de excessivo favor áquelles que havia pouco anniquilara, e já o seu representante, marquez de Almodovar, fizera sobre a especie reclamações. Não se deu por isso seguimento ás supplicas d'aquelles que realmente existiam fóra da lei. Pombal podia por este lado ficar tranquillo. Mas as noticias, que lhe transmittiam dos factos, os boatos que em torno d'estes se urdiam, mais lhe acerravam a irritação e o propelliam ao desanimo.

Caminhava no emtanto o seu processo. Os juizes ouviam as testemunhas, apreciavam os interrogatorios effectuados em Pombal. As conferencias repeliavam-se sem que nada transpirasse das discussões. O accusado, como é de imaginar, contemplava em ancias qual seria a decisão final. «Parece-me — dizia a lastimar-se — cousa insuperavel que no grande numero de ministros que se teem introduzido nas juntas, que ahí dizem que se inventaram para mais me atormentarem, deixe de haver a maior parte d'elles que se lembrem de que ha Deus, de que ha céu e inferno, de que ha honra e reputação, que uma vez perdidas se não podem mais restaurar». <sup>2</sup>

Entretanto, prolongava-se a expectativa do marquez e do publico, sem que nenhuma resolução viesse a lume. Deixou-se mesmo de falar no processo. O que attrahia as atenções então era a reabilitação dos Tavoras. Decorreu um anno, em que Pombal, nas curtas



Concurso hippico nas Caldas da Rainha

*Os campinos que tomaram parte e um d'elles n'um salto*

(Cliché de J. Beauville).



remissões das dôres physicas, descansava arrazoando para o procurador as causas forenses, ainda numerosas, que lhe ameaçavam o patrimonio.

Mas a doença proseguia implacavel, com a tortura na ardencia das chagas, e a visivel destruição dos tecidos, nas rubras empôlas a desatarem-se em pús. Cada vez era maior o quebranto das forças. «Presentemente me acho quasi de todo entrevado, sem poder pôr os pés no chão, nem sustentar-me sobre as pernas», mandava dizer no mez de maio. Em outra carta descreve o seu estado: «Coberto de pustulas nos pés, pernas e corpo, que me não deixam socegar, com as dôres e comixões que me causam; um carbunculo que me sobreveiu sobre a espadua esquerda, que me não permite estar deitado senão do outro lado»; <sup>3</sup> tal era o dissolver do misero envlucro d'aquella alma attribulada. Para lhe mudarem a cama, fetida dos soros purulentos e das dejeções mal contidas, tomavam-no os creados a pulso para um canapé. «Em vinte e quatro horas — conta uma testemunha ocular —, poucas vezes tem mais de duas de descanso.» <sup>4</sup> Hediondo martyrio, cuja dantesca atrocidade não suspeitou Camillo ao escrever a phrase vingadora: «Morreu impune o marquez, cocando socedadamente a sua lepra». Não! No corpo e na alma, as furias todas dilaceravam a golpes vehementes aquella vida.

Na esperança de allivios pensava o desterrado, em principio da

## NAS CALDAS DA RAINHA. — Um torneio de jogo de bola



Cliché da Phot. Parisienne, Caldas).

Os jogadores

Em pé, da direita para a esquerda: — D. Atzira Raposo Botelho, D. Estephania Raposo Botelho, José Estrella, D. Suzanna Horta e Costa, José Perestrello de Mattos, D. Marianna de Castilho, D. Emilia Bello, José de Castelbranco Ribeiro da Cunha, D. Maria da Gloria Horta e Costa, D. Ophelia Raposo Botelho, D. Theresza Bello, D. Gabriella Cohen, D. Helena e D. Joanna Cymbron. Sentados: — Vicente Cymbron, João Manuel Pinto (Sacavem), Francisco Alvim Caldeira, Emilio Infante da Camara (filho), Alfredo Abreu, Alfredo Anjos (Fontalva), José Infante da Camara, Correia Pereira, Thomaz de Saavedra, Bartholomeu Perestrello de Mattos, D. Jorge de Menezes e Julio de Souza e Vasconcellos Alves. No chão: — O juiz Concelino da Costa e Leopoldo de Sotto Mayor Diniz.



A princeza Isabel da Belgica no Funchal

Sua Alteza, o dr. Leboeuf e a sua dama de honor a condessa de Steer, descendo do Monte em carrinho de vimes

Referem-se, como os seus titulos indicam, á estada de Sua Alteza a princeza Isabel da Belgica no Funchal as tres gravuras que publicamos. Sua Alteza demorou se na Madeira desde 29 de julho a 7 de Agosto, deixando com saudade a formosissima ilha.

A illustre princeza, que se acha entre nós, nasceu em 25 de julho de 1876, contando, portanto, 33 annos d'idade completos.

Casou em Munich em 2 d'outubro de 1900 com o principe herdeiro da Belgica, Alberto, nascido em Bruxellas em 8 de Abril de 1875.

D'este matrimonio ha tres filhos: Miguel, nascido em Bruxellas em 1901, Carlos, idem em 1903 e Maria, nascida em Ostend em 1906.

Referem-se, como os seus titulos indicam, á estada de Sua Alteza a princeza Isabel da Belgica no Funchal as tres gravuras que publicamos. Sua Alteza demorou se na Madeira desde 29 de julho a 7 de Agosto, deixando com saudade a formosissima ilha.

enfermidade, ir ás Caldas, mas fôra-lhe a autorização negada pelo governo. Agora precisaria fugir de Pombal, covil de febres, que lhe complicavam a fraqueza. Em S. Martinho, perto de Coimbra, tinha posto á disposição d'elle uma quinta da mitra, o bispo D. Francisco de Lemos que, morrendo D. Miguel da Annunciação, reassumira o cargo, exercido durante o seu captiveiro. Era dos ultimos e poucos amigos, que a Carvalho restavam, e ainda o provou quando, em desafio á geral malquerença, não trepidou de lhe honrar as exequias, com a pompa do baculo. Mas a debilidade extrema do doente não permitia o transporte, e as humidas paredes do casarão de Pombal é que até ao fim abafaram os brados das suas coleras e os gemidos das suas dôres.

(Continúa).

João Lucio.

1 Uma carta de Lisboa, para um jesuita, em outubro de 1785, refere que, na occasião do processo, sendo o procurador dos réos, desembargador Eusebio Tavaras, a propôr-lhes que insinuassem o que tinham que allegar em sua defesa, este lhe dissera ter commetido o mais enorme e execrando delicto, porque na confissão, que com o medo dos tratos fizera, culpára e infamara aos fidalgos e jesuitas... Tendo ouvido esta protesta, o procurador lhe disse que a devia fazer aos mesmos juizes, que lhe receberam a sua falsa e calumniosa confissão; e o que logo repoz o duque que, entrando Sebastião José poucos dias antes no seu carcere com o escrivão, fizera, como era obrigado, a sua retratação; e que ao tempo que o escrivão já tinha escripto duas folhas de papel, entrara Pedro Gonçalves Cordeiro, e perguntara: Que é

isto que se está escrevendo? Respondeu Sebastião José: É uma retratação da confissão, que o réo antes tinha feito. — Nada, nada, disse o Cordeiro; tal retratação nada vale, nem deve ser recebida, porque a confissão foi espontanea e não extorquida na tortura. Mena, Journal, cit., XIV, 1787, pag. 306 e 307.)

Tudo isto deve ser phantasiado, porque: 1.º, a ser exacto tello-ia o procurador allegado na defesa, o que não fez; 2.º, embora não conste dos autos, ha toda a probabilidade de ter o duque levado tratos, e a revista da causa dos Tavoras assim o reconhece. Outras incongruencias, como por exemplo o dizer tambem a carta que a marquezina nada respondera aos juizes senão que o processo era uma injusta e cruel perseguição á nobreza, quando é certo que ella não foi interrogada, dissuadem do credito que se possa querer dar ao informador.

Latino Coelho na Historia politica e militar de Portugal, l. 366, dá noticia de uma declaração escripta, do religioso fr. Manoel de S. Boaventura, que com outro carmelita assistiu aos ultimos momentos do duque, ouvindo da sua boca que só elle, e sem que mais ninguem soubesse do intento, tentara a morte de D. José. Ao historiador parecem authenticos o papel, que existe na collecção de manuscritos da Academia Real das Sciencias.

2 Carta ao conde de Oeiras, 23 junho 1780.

3 24 maio 1780.

4 Carta do cirurgião Quaglia, Z. BRANDÃO, Marquez de Pombal, 116.



A princeza Isabel da Belgica no Funchal

Sua Alteza acompanhada dos srs. F. de Bianchi, consul d'Italia, dr. C. de Bianchi, consul da Belgica e dr. Leboeuf

#### Declaração amorosa d'um grammatico:

Senhora: Se ainda não lhe fizeram nenhuma proposição para a conjunção, permita-me que lance esta interjeição: O meu amor! Não posso deixar de manifestar-lhe pelo meu verbo o desejo que o meu pronome tem de ser um seu adjectivo, pois no positivo lhe declaro que me considero como comparativo ou superlativo que concorda consigo em todos os modos e tempos.

Espero que não me pense singular, ao querer ter um plural na minha familia, porque me creio bastante masculino, para não ficar neutro em presença do feminismo, que é o melhor substantivo do mundo.

Peço-lhe que não decline esta proposição, e oxalá seja eu a primeira pessoa que solicita o seu amor, assegurando-lhe sem condicional nem subjuntivo que a amo no imperativo, até ao infinito.



«Monte Palace Hotel» onde esteve hospedada a princeza Isabel da Belgica durante a sua estada no Funchal

## A Povia de Varzim e Villa do Conde

**A**lizadas por uma estrada aberta entre milheirões que corta em diagonal os novecentos e noventa e nove arcos do Aqueducto secular, a *Povia Veracini* e a *Villa do Conde* não parecem visinhas da mesma legua de costa, mas ar-raiaes de tribus inimigas, indispostas por uma separadora cordilheira.

A Povia é o bulicio, o ardor, o movimento, a alegria, e Villa do Conde é a mansão com recatos de solar e melancolias de mosteiro.



Povia de Varzim. — Largo do Chinez e rua da Junqueira

A Povia tem tanta gente que dá a impressão physica de lhe faltarem casas, o que é um facto; Villa do Conde dispõe de casas tão grandes — apalaçadas, paços de antigos senhores que desapareceram deixando esquecidos na padieira os seus brazões, — que nos dá mostras de lhe faltar gente, de ser toda ella uma casa rica, abandonada e deserta, onde a lenda oral assignala afugentadores phantasmas.

A rua poveira tem a poeira de um bairro trafegueiro de cidade commercial; as ruas da Villa parecem ser todas as manhãs passadas a panno, e os atrios de pedra das suas vivendas escrupulosamente varridos a espanador, como um oratorio.

A esta opposição de aspectos tinha que corresponder, inevitavel-



Povia de Varzim. — Avenida Mousinho d'Albuquerque

mente, uma formal e antagonica feição intrinseca: o poveiro é gesticulador, ardente, talhado para as actividades da aurea disputa; o villacondense, sobrio de movimentos, anda pelas ruas como se transpuzesse em bicos de pés o transeptum da sua preciosa Matriz.

O poveiro é um homem mundano, alliciador, dominador, que aperta egualitariamente a mão a um caseiro ou a um abbade.

Dona de uma immensa collecção de marinhas e paisagens estí-maveis, a que não falta accessorio algum de pintura romantica, nem a ampliação máscula da naturalista; senhora de um rio e de um mar, que o debrua com uma delicadeza de renda, de terras e de areias, Villa do Conde é uma authentica viuva, nova, rica, pretendida, que recusa segundo casamento e se não deixa vêr em publico, apesar de dispôr de joias e de um guarda-vestidos atafalhado de sêdas, ficando-se a gemer a sua perpetua viuvez, que nem princeza encantada ou sereia de mãe-d'agua.

São, pois, capitalmente distinctas estas duas praias, rivaes como duas visinhas.



Povia de Varzim. — Casa onde nasceu Eça de Queiroz, tendo-se n'ella a respectiva lapide commemorativa

No que ellas se parecem, como gémeas, é no seu mysticismo, ou não fossem ambas povoações da beira-mar.

A gente de Villa do Conde parece acusar os seus jejuns, os seus dias de guarda na sua alvura de pessoas longamente sonegadas á luz directa e confinadas na luz coada por vitraes, no seu posternado olhar, no palmilhar de monges, no falar discreto de labios acostumados ao ciciar do confessionario, e na mesma anatomia que tem delicadezas de velhos fidalgos canonizados.

A Povia lá tem o mesmo signal de mysticismo no flanco das suas naves, e alguns deliciosos, sabendo a Bernardes: «Senhor dos Bem-guiados»; «1.ª Dôr de Nossa Senhora das Dôres...»]



Povia de Varzim. — Largo de S. Roque e rua da Junqueira

Mas nem Leça, nem Ilhavo! — padroado do Senhor dos Navegantes — attingem como a Povia as raízes da idolatria, chegando à personalização e materialização da fé, pondo o seu barco, varado na praia ou no prumo das ondas, a erguer este clamor de proselyto: «Viva Jesus!»

E' que a Povia é estruturalmente uma terra de pescadores, de gente que vive com o Crêdo na bocca, entregue e confia da nas mãos dos elementos: tanto que a sua festa rija é a *Procissão da Senhora da As-*



Povoa de Varzim. — Igreja matriz de S. Pedro de Rates (monumento nacional)

sumpção, com as naus galeadas pelos lenços das poveiras à laia de bandeiras (a *Festa dos Lenços*) com o seu trajecto pela areia, os seus andores parando a um e um, voltando os santos p'ro mar, por 'môr dos padroeiros se não esquecerem do lugar onde moirejam e perigam os festeiros.

Levantada em areal, falta-lhe pico de collina ou planalto sobranceiro d'onde se domine o seu esboço panoramico: não dispõe de edificios altaneiros, toda a casaria concentrando-se e agachando-se re-



Villa do Conde. — Os Paços do Concelho

verenciosa ante as capellas e as igrejas, unicas pedras que parece terem fóros e jus a engrandecer-se.

Olhar para a Povia, do alto da torre pharoleira da igrejainha da Lapa, que fica á borda d'agua, ao sul da povoação, é o mesmo que irmos observá-la do mar, um tanto affastados como quem analysa uma tela.

A povoação assenta toda sobre o arrojo de dois audazes arcos aviajados, cavados com grandeza pelo mar e que, partindo um do

norte, outro do sul, vão atar no paredão de que a oeste o artificio se serviu para acabar os pequenos abrigos de duas bacias.

Dos ramos livres d'esses arcos nasce uma muralha de templos, envolvendo completamente o nucleo: ao norte S. José e, em zig-zag



Povoa de Varzim. — Porta principal da igreja matriz de S. Pedro de Rates

— vindo d'alli para o meio-dia, encostado a um segmento de curva cujo raio fosse a distancia do paredão ao nosso observatorio, — o *Coração de Jesus*, o *Desterro*, a *Misericordia*, as *Dóres*, a *Matriz* e a *Lapa*.

De um templo a outro os pannels da muralha são idiaes como se



Villa do Conde. — O pelourinho



Villa do Conde. — Mosteiro de Santa Clara e panorama da villa

uma invasão negadora e hereje a tivesse forçado mas a povoação não aproveitasse essas brechas e persistisse acolhida á protecção dos seus padroeiros e senhoras.

Nesse perimetro, fechado pelo mar e pela muralha do seu mys-



Villa do Conde. — Egreja matriz

ticismo, construiu o poveiro a sua ufana patria. Perpendicular aos arcos que a sustentam, ronda ao sul uma bateria de barcos, frotas, bateiras, de prôa ao mar, serenos e prestes; é o substratum, o recheio dos alicerces d'aquella terra, a casaria meio-citadina da Povoação de hoje nascendo do aggregado d'aquellas barracas de pescad-



Villa do Conde. — Casa onde viveu Anthero do Quental

res, a florescente nave do município poveiro provinda d'aquellas embarcações mais que humildes.

Ao norte essa normal é traçada pelos arruamentos de barracas para os banhos, com alpendres hospitaes para os seus banhistas se gosarem da praia ás horas ardentes do dia, baloiços onde a creançada esvoaça entre uma algazarra de canários n'um viveiro rico.

N'um plano paralelo á tangente dos arcos mestres corre a casa do pescador, de ôlho no seccadouro e ancoradouro, a casa de aluguer para banhistas e estabelecimentos balneo-therapicos, delimitando a avenida, frente á praia.

Tirante esse espaço necessario ao Bairro Piscatorio (aqui so sul) e ao Bairro dos Banhos (lá para o norte), do resto cada classe, cada rua, cada travessa, cada telhado ficou com o que quiz ou o que pôde, sem rei nem roque, n'uma despreocupação, n'uma asymetria anti-pombalina, bohemia e sympathica que só lhe dá graça e relêvo.

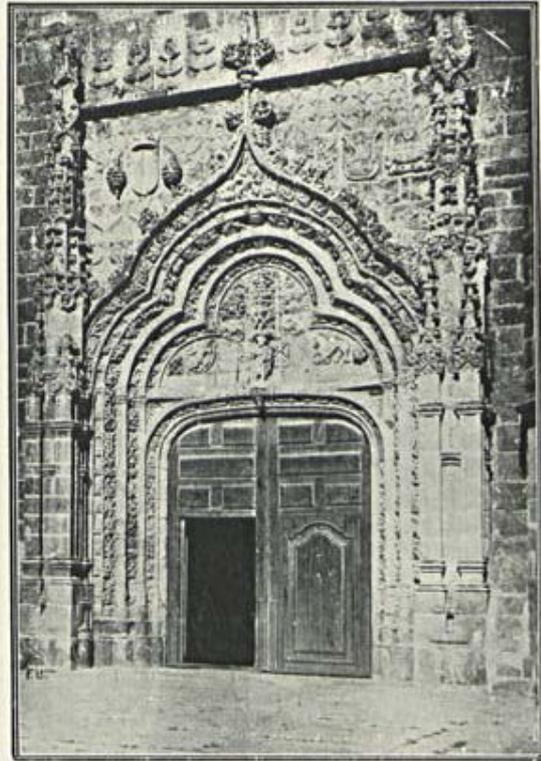
Ha uma irmandade de altura e de côr.

As côres que o nosso maritimo mais encontra deante de si, veem a ser o arul do céo, o branco da espumosa ondina e o verde-mar.

Deviam de ser justamente essas as dadas pelo poveiro ás obras que constroee: aos seus barcos e ás suas

barracas. N'algumas portas sorri, effectivamente, o verde-mar ou o azul desvanecido, mas poucas. No geral, predomina nas paredes o branco — protector da irradiação, peculiar e estimado dos pobres que não dispõem de outros abafos —; e nas portas, couçoeriras e postigos, um vermelhão-escuro, irmão da côr-de-rapé das rêdes.

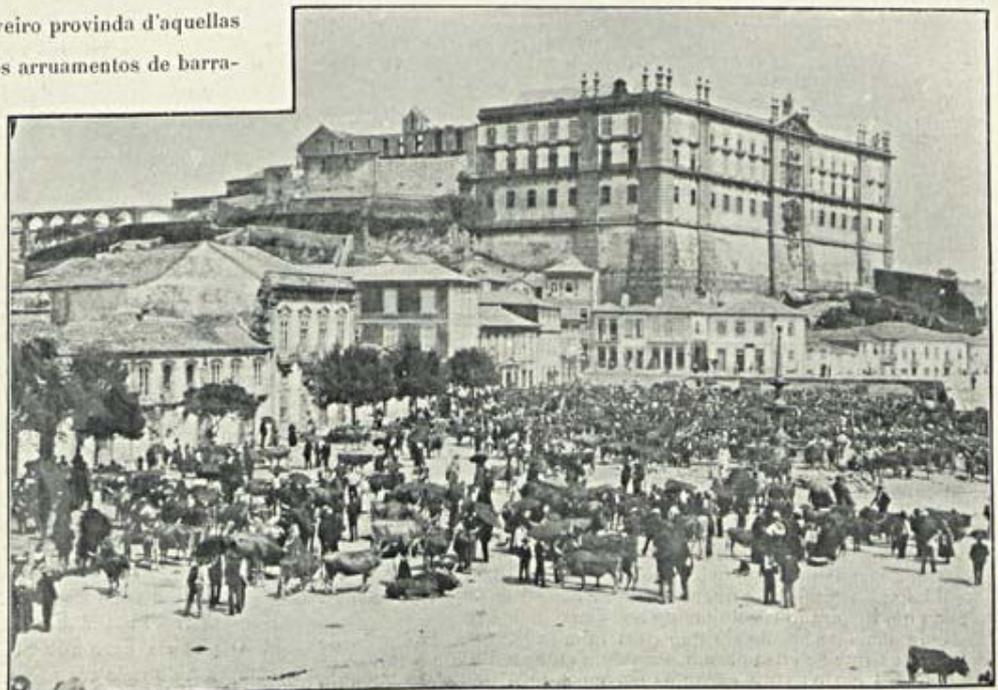
O pescador, com pouco tempo de seu e ainda menos dinheiro, não se deixou commover pela alacridade atlantica, e, despedado de qual-



Villa do Conde. — Porta principal da egreja matriz

quer instincto decorativo, foi-se ao caldeirão em que sobravam uns restos da infusão de casca de carvalho ou de sabugueiro (com que cose e preserva o fio das rêdes) e pincelou as táboas e a caixilharia das suas barracas, semeadas por uma faixa d'areia, bem destacada do resto da villa, armadas em casinhotos de pinho, parallellos e alinhados como uma companha a alar, até que guinam para se pôr de capa p'rá lestada.

Pela praia, troncos d'arvore, alguns ainda com ramaria, d'onde



Villa do Conde. — O mosteiro de Santa Clara e na baixa uma feira de gado

o machado do calafate ha de extrahir a aduela da sua jangada, uma ou outra espinha de embarcação, esqueletos insepultos e raros d'um estaleiro; em perchas, envernizadas pelo uso, a cavallo em forquilhas, como um pallio ondulado nas suas varas de prata, seccam as rédes da ultima pescaria; para lá do seccadouro, o sarro das tocas d'esses lobos do mar.

Quem se embrenhar pelos dois arruamentos que formam as tres filias mais ou menos irregulares do bairro, entra desde ahí a surprender as minudencias caseiras do marítimo: criancitas descalças, corpéte e cuecas rachadas a meio das nadegas; um rapazote atirando uma acha para o fogo que referve em plena rua, verdadeira officina communista, o caldeirão de casca de carvalho, interiores húmidos onde blusas e calças de baeta ou oleado, enxarcadas da ul-



Villa do Conde. — A igreja matriz de Rio Mau

tima pescaria, teimam em seccar; onde neptunos infantis esperneiam por cima dos encerados velhos; mulheres de olhos avermelhados pelo contacto da salmoira e da salsugem aggravam as suas opthalmias chronicas remendendo a filharada ou o homem, na escudrão de porões que sepulta os cátes; e em uma nota elegiaca a vida e ao trabalho, sem pressas mas sem melancolias, cachimbando, um velhote de matações brancas e boina carregada começa pachorrontamente uma réde com o descanso de quem tem deante de si outra tanta vida para a tecer e romper.

Todo o cuidado vae para a réde, para os cabos, para as vergas do velame, para a ferramenta.

Dentro, nem luxo nem conforto nem cuidados.

Dividida por um leito de bancos, ou beliche suspenso da parede, e pela lareira, adornada pelo cordame e pelas rédes em baterias aos angulos da casa, em lustres pendentes do travejamento como *stock de ship-chandler*, essa caseta acanhada e tarréca tem uma unica pretensão ambiciosa: — a porta.

A porta da habitação do pescador é sempre larga: — elle quer entrar com uma corôa de cordas em cada braço, um leme ou um remo ao hombro, e quer encontrar logar para aquella cambulhada toda e passar affeito, sem perigo de encalhar a bombordo ou a estibordo. Para mais, a porta havia de ser ampla p'r'âmôr d'elle lá do catre ou da lareira coçar o seu barco, sondar o seu mar, interpellar a caturada dos elementos, sem ter que estar a inclinar a cabeça à direita, à esquerda, como quem enfia a vista pela azelha d'uma agulha.

Casas de pescadores se surpreendem desapossadas de janellas e em que a porta se ha assenhoreado de toda a fachada.

Tambem não era preciso ter braços muito grandes para cercar aquella casa toda, sempre terrea, como pousio de homens habituados à superficie aparentemente plana das aguas, para quem o declive da praia já é uma montanha de forte altitude e a quem não convém escadas n'uma moradia destinada a lhe servir de tecto ao somno breve e de armazem aos pesados e volumosos aprestos piscatorios.

Para lá da tóca do pescador, o andarsinho do emigrante e a casa ou o hotel do banhista, como a dizer que a par da pesca, a Povoá vive do oíro mandado do Brasil pela sua colonia e do rendimento da sua praia.

D'essa dupla fonte de receita lhe provém a duplicidade do seu aspecto: uma povoação triste de inverno, vivendo os sobresaltos do temporal; no verão a praia mais animada e mais concorrida d'Entre-Minho-e-Douro.

Villa do Conde foi tambem nos seus tempos um estaleiro e um ancoradouro de «lobos do mar»; hoje, é apenas o despovo do claustro cujo luxo morreu e cuja bicca os limos suffocam, immerso no silencio das três saudades que só o tocar dos bilros, tecendo a sua renda, perturba.

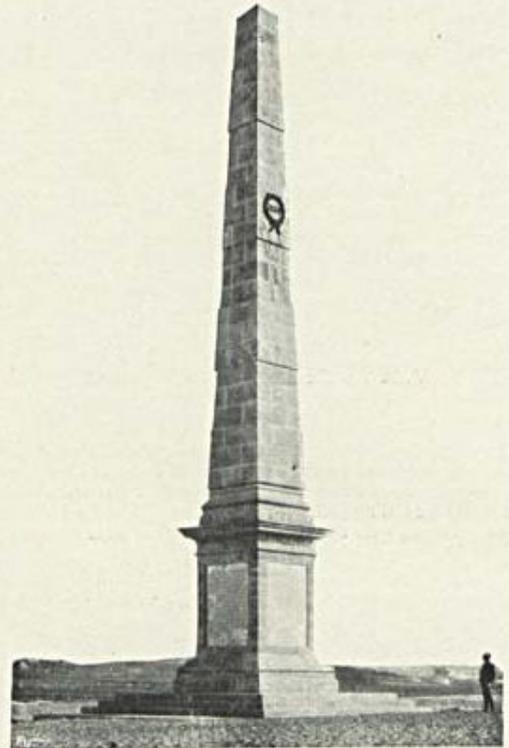
E' uma praia, e linda, e aceada, mas são tão poucas as familias que a procuram que dir-se-ia que, enquanto a Povoá é toda ella um Hotel ou um Quarto d'Alguier, Villa do Conde, a despeito do seu estacionamento economico, recebe apenas os hospedes que a sua fidalga hospitalidade quer obsequiar com o socego das suas vendas e o inspirado recolhimento dos seus silencios.

Nada mais escusado do que essa inimidade, feita da inveja de dois vultos que se ensombram, existente entre a Villa e a Povoá.

Ambas tem os seus encantos e as suas preciosidades: Villa do Conde, além do seu Mosteiro, com a magnificencia dos seus tectos, a preciosa capella manuelina dos FUNDADORES (D. Affonso Sanches e

Thereza Martins), conta o seu *Aqueducto*, o manuelino da sua *Matriz*, o *Petourinho*, e a igreja Parochial de Azurara, dois monumentos manuelinos, tendo o templo, de tres naves, o nome do architecto n'um dos fechos da capella-mór, e ainda *S. Christovão do Rio Mau*, pequeno mas interessante apontamento do nosso romanico.

No concelho da Povoá demoram a *Cidade de Terroso* representante dos *íns da idade do ferro* (epoca de la Tene), do typo das citanias que o insigne Martins Sarmiento explorou, e que o glorioso archeologo conselheiro José Fortes amorosamente investigou, e a



Villa do Conde. — Memoria aos heroes do Mindello erigido em Pampellido

*Matriz de Rates*, monumento romanico do sec. XIII, e cuja mão d'obra permite remontar ao sec. XII.

Embora! Ellas continuam a disputar-se a primazia e até o berço das suas glorias, como já succedeu com Eça de Queiroz, que, a despeito da declaração escripta e reconhecida do pae do romancista e do depoimento da mãe, dando-o nascido na Povoá e baptisado por intimas razões em Villa do Conde, os villacondenses filiarão como seu conterraneo, assignalando-lhe mesmo a casa onde haveria nascido!

Mas por mais que façam, ellas não se desthronisarão das suas respectivas e peculiares virtudes: o provinciano abastado que cabeceou o inverno inteiro á roda dos seus fogões de sala, rezando e sonhando com o brilho da sociedade, e o padre minhoto e transmontano que pretendem «estar á sua vontade, sem etiquetas» adoptarão sempre a Povoá que lhes dá: com o seu lauto banho, o pseudo-bulicio mundano d'uma cidade no economico recinto d'uma praia.

Villa do Conde será, pelos seculos afim, o refugio dos delicados, dos nervos aristocratas, dos que fatigam o cerebro na chamma da producção ou do prazer dos grandes centros, e ao remanso da sua simplicidade fidalga vão demandar o isolamento, o silencio, a obscuridade e a enlevação do seu aspecto de mosteiro illustrado por um esboço de marinha.

Para a Povoá irá o estudante de Braga e a menina de Cabeceiras; para Villa do Conde só poderia ir Anthero do Quental ou o Marquez de Niza.

Uma perlece aos que namoram e aos que engordam — a mocidade e os abbades; a outra, aos Poetas.

JOAQUIM LEITÃO.

Fez-se ouvir no paço real um pianista.

Acabado o concerto e depois de grandes applausos, aproximou-se d'elle o rei e cumprimentou-o nos termos seguintes:

— Muitas vezes ouvi o Thalberg...

O pianista curvou-se todo.

— Ouvi o Liszt muitas vezes...

O pianista curvou-se ainda mais, preparando-se para apanhar um cumprimento cada vez maior.

— Mas, accrescentou o rei, nunca vi um pianista suar tanto como o senhor.